



PLANO DE MANEJO

— FASE II —

RESUMO EXECUTIVO





PLANO DE MANEJO

— FASE II —

RESUMO EXECUTIVO

CRÉDITOS TÉCNICOS E INSTITUCIONAIS

RESUMO EXECUTIVO

Projeto Gráfico e Diagramação - dlab.com.br

Texto - Eduardo Hermes Silva - CAIPORA Cooperativa para Conservação da Natureza

Revisão ortográfica - Laura Tajés Gomes

PLANO DE MANEJO

Supervisão geral - FATMA/Diretoria de Proteção de Ecossistemas

Coordenação da Equipe Técnica de Supervisão

Eduardo Mussatto (2010-2012)

Beloni Terezinha Pauli Marterer (2013)

Equipe Técnica de Supervisão

Eduardo Mussatto

Beloni Terezinha Pauli Marterer

Maria de Fátima Bleyer Bresola

Elaine Zuchiwschi

Coordenação Geral - CAIPORA Cooperativa para Conservação da Natureza

Eduardo Hermes Silva

Equipe de Planejamento

Davis Anderson Moreno - CAIPORA

Eduardo Hermes Silva - CAIPORA

Luis Augusto Reginato Costa - Ortus Consultoria Ltda.

Equipe Técnica de Execução - CAIPORA Cooperativa para Conservação da Natureza

André Leão - Estagiário ECOPEF

Carlos Salvador de Oliveira - Mastofauna

Carolina Isoppo - Organizacional das Instâncias de Gestão e Cooperação

Claudio Henchel de Matos - Geoprocessamento

Dámaris Núñez Gómez - Análise de efetividade do Plano de Manejo Fase I,

Davis Anderson Moreno, Geógrafo - Mapeamento e caracterização de atores

Desirré S. M. Pinto - Administradora financeira

Eduardo Hermes Silva - Coordenação e Planejamento

Elaine Maria Lucas Gonsales - Herpetofauna

Fernando Hermes Lehmkuhl - Potenciais atividades agropecuárias e arranjos produtivos

Ivo Rohling Ghizoni Jr. - Avifauna

Luis Augusto Reginato Costa - Análise de efetividade do Plano de Manejo Fase I

Marcio Soldateli - Turismo e Uso Público

Murilo A. Nichele - Organizador de pesquisas e estudos de campo

Rafael Garzeira Perin - Flora e vegetação

Rafael Leão - Monitoramento da qualidade da água

Veluma Ialú Molinari de Bastiani - Herpetofauna

Laura Tajés Gomes - Revisão ortográfica

PARA MAIORES INFORMAÇÕES

CAIPORA / www.caipora.org.br / (48) 3028-4379

FATMA / www.fatma.sc.gov.br / (48) 3216-1700

ECOPEF / www.parquefritzplaumann.org.br / (49) 9978-3198

Execução:



Financiado por:



Parceiros:



Apoio:



ÍNDICE

6 PARA ENTENDER MELHOR DO ASSUNTO

10 PARA CONHECER UM POUCO DO PARQUE

16 CONHECENDO UM POUCO DA FLORESTA DO RIO URUGUAI

20 IMPORTÂNCIA DO PARQUE HOJE

26 PLANEJANDO O FUTURO SEM ESQUECER O PASSADO

A full-page background image showing a sunset over a body of water. The sun is low on the horizon, creating a bright orange and yellow glow that reflects on the water's surface. Dark silhouettes of hills or mountains are visible in the background.

**PARA
ENTENDER
MELHOR DO
ASSUNTO**

Este Resumo Executivo traz algumas das principais informações de um documento que marca um novo ciclo de funcionamento do Parque Estadual Fritz Plaumann, o Plano de Manejo Fase II, elaborado pela CAIPORA Cooperativa para a Conservação da Natureza, em parceria com a Fundação do Meio Ambiente (FATMA) e a Equipe Cogestora do Parque Estadual Fritz Plaumann (ECOPEF), com apoio da TRACTEBEL Energia. A elaboração deste trabalho contou com recursos do Fundo Brasileiro para a Biodiversidade (FUN-BIO), através de uma conta de investimentos para conservação da Mata Atlântica (e também dos biomas Cerrado e Caatinga), chamada Tropical Forest Conservation Act, que faz parte de um acordo de cooperação entre o Brasil e os Estados Unidos.

O Parque Estadual Fritz Plaumann, criado em 24 de setembro de 2003, é uma das dez unidades de conservação de proteção integral de Santa Catarina administradas pela FATMA. É o único, porém, criado para proteger amostras da Floresta do Rio Uruguai ou Floresta Estacional Decidual, uma das formações florestais mais ameaçadas do bioma Mata Atlântica.

Como toda unidade de conservação da natureza, o Parque é um bem da sociedade. E a sociedade só conserva aquilo que conhece. Portanto, conheça um pouco do Parque Estadual Fritz Plaumann e ajude a conservá-lo. Boa leitura!

O QUE É UMA UNIDADE DE CONSERVAÇÃO?

Unidade de conservação é um território protegido por lei, com limites bem definidos, criado pelo poder público, sob administração própria, com objetivos específicos de proteção da natureza. São assim chamadas porque as unidades devem ser criadas como peças dentro de um sistema maior, para garantir a conservação de diferentes amostras da biodiversidade brasileira. O Sistema Nacional de Unidades de Conservação, instituído pela Lei nº 9.985/2000, estabeleceu diferentes tipos ou categorias para que as unidades de conservação cumpram esse papel. Estas categorias estão divididas em dois grandes grupos:

PROTEÇÃO INTEGRAL

- Reserva Biológica
- Estação Ecológica
- Parque
- Monumento Natural
- Refúgio de Vida Silvestre

USO SUSTENTÁVEL

- Área de Proteção Ambiental
- Área de Relevante Interesse Ecológico
- Floresta Nacional
- Reserva Extrativista
- Reserva de Fauna
- Reserva de Desenvolvimento Sustentável
- Reserva Particular do Patrimônio Natural

A administração das unidades de conservação pode ser feita pelos governos federal, estadual ou municipal, e também por pessoas ou empresas (no caso da Reserva Particular do Patrimônio Natural), existindo diferentes formas de participação da sociedade (conselhos de gestão, prestadores de serviço, parceiros, voluntários, etc.).



Equipe trabalhando na revisão do Plano de Manejo - Caipora

O QUE É E PARA QUE SERVE UM PLANO DE MANEJO?

Plano de Manejo é um documento técnico de planejamento que reúne um conjunto de informações sobre a unidade de conservação e sua região e também de diretrizes e orientações para que os gestores e colaboradores alcancem seus objetivos de conservação, cumprindo seu papel perante a sociedade. Pode ser comparado ao Plano Diretor de uma cidade, onde se estabelecem as normas de uso, as zonas de interesse e diversas atividades que, no caso de um Parque, servem para incenti-

var e controlar o turismo e recreação em contato com a natureza, a educação ambiental, a pesquisa científica e a proteção da biodiversidade local. Como uma ferramenta de administração, também serve para orientar as estratégias de envolvimento das comunidades vizinhas e de entidades parceiras, abrangendo, portanto, a região de entorno da unidade de conservação.

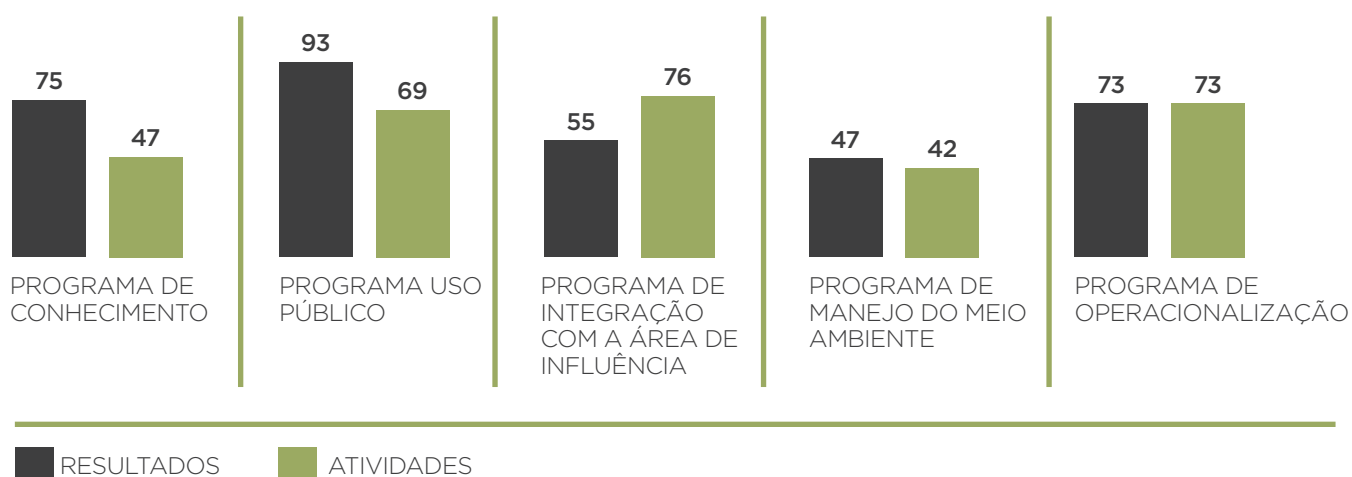
POR QUE UMA FASE II DO PLANO DE MANEJO?

Da mesma forma que um Plano Diretor de uma cidade ou qualquer outro documento de planejamento, há um prazo de validade para as normas e diretrizes, que devem ser avaliadas e atualizadas de tempos em tempos. No caso do Parque Estadual Fritz Plaumann, o primeiro Plano de Manejo foi elaborado em 2005 e a ECOPEF, a FATMA e o Conselho Consultivo usavam-no exemplarmente desde a abertura do Parque para visitação em 2007. Prova disso foram os resultados alcançados e atividades realizadas desde então nos diversos programas avaliados (veja o gráfico), alguns com melhor desempenho e outros ainda precisando de ajustes. Assim, frente à importância do Parque e à ótima experiência de atuação dessas entidades, a CAIPORA enxergou ao mesmo tempo uma necessidade e uma oportunidade de atualizar as diretrizes estabelecidas no passado e definir novos desafios de funcionamento.



Equipe trabalhando na revisão do Plano de Manejo - Caipora

PERCENTUAL DE RESULTADOS ALCANÇADOS E ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELOS PROGRAMAS DO PRIMEIRO PLANO DE MANEJO ENTRE 2007 E 2012.





PARA CONHECER UM POUCO DO PARQUE

O nome do Parque é uma homenagem ao ilustre naturalista Fritz Plaumann.

CARTEIRA DE IDENTIDADE

Nome da UC: PARQUE ESTADUAL FRITZ PLAUMANN**Siglas da UC:** PEPF**Decreto de criação:** Decreto nº 797, de 24 de setembro de 2003**Data da inauguração para visitação pública:** 2005**Endereço da Sede:** Comunidade de Sede Brum, Zona Rural, S/N. Concórdia - Santa Catarina

DADOS FÍSICOS	Total	Gleba não insular	Gleba insular
Área (ha):	717,48	452,541	264,84
Perímetro (Km):	24,79	16,26	8,53

ZONA DE AMORTECIMENTO	Área (ha): 1.778,95	Perímetro (Km): 29,31
-----------------------	---------------------	-----------------------

Município e percentual da área abrangida pela UC (%): Concórdia (1,6%)

Coordenadas geográficas:	27°16'18" S 27°18'57" S	52°04'15" O 52°10'20" O
--------------------------	----------------------------	----------------------------

Marcos notáveis (limites):	Margem direita do Rio Uruguai Foz do rio dos Queimados Ilha Segundo Frascicon
----------------------------	---

Bioma e formação florestal:	Domínio da Mata Atlântica Floresta Estacional Decidual ou Floresta do Rio Uruguai
-----------------------------	--

Situação fundiária: Regularizada**UNIDADE GESTORA****Unidade responsável:** Fundação Estadual de Meio Ambiente**Sigla da unidade gestora:** FATMA

Av. Felipe Schmidt, 485, Centro. Florianópolis-SC. 88010-001

(48) 3216-1700 / www.fatma.sc.gov.br**Chefe da unidade de gestão (UG):** André Adriano Dick (dez/2013)**Contato do Chefe da UG:** dick@fatma.sc.gov.br**ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL DE INTERESSE PÚBLICO (OSCIP)****Nome:** Equipe Cogestora do Parque Estadual Fritz Plaumann**Sigla:** ECOPEF

Sede Brum, Concórdia, S. CEP 89700-000. Caixa Postal 145

(49) 9978-3198 (após 18h) / www.parquefritzplaumann.org**Contato da ECOPEF:** contato@parquefritzplaumann.org.br**Presidente:** Murilo Anzanello Nichele

LOCALIZAÇÃO E ACESSO

O Parque encontra-se aproximadamente a 450 km de distância das capitais da Região Sul do Brasil:

425 Km DE CURITIBA - PR

455 Km DE FLORIANÓPOLIS - SC

458 Km DE PORTO ALEGRE - RS

Distância de outras cidades da região:

52 km DE CHAPECÓ - SC

70 km DE ERECHIM - RS

125 km DE PASSO FUNDO - RS





LEGENDA

- PE FRITZ PLAUMANN
- CONCÓRDIA PERÍMETRO URBANO
- LIMITES MUNICIPAIS
- CIDADES
- LOCALIDADES
- RODOVIAS
- ESTRADAS NÃO PAVIMENTADAS

HISTÓRIA DE VIDA

MARCOS HISTÓRICOS DO PARQUE

2000 - 2001

Elaboração do Plano de Manejo da Estação Ecológica Barra do Queimados.

2003

Consulta pública para alteração da categoria de manejo e redefinição do nome;

Criação do Parque Estadual Fritz Plaumann pelo Decreto nº 797, de 24 de setembro de 2003.

2003 - 2004

Revisão e adaptação do Plano de Manejo da Estação Ecológica para categoria Parque (Plano de Manejo Fase I).

2008

Implementação do Plano de Manejo Fase I;

1º Aniversário de Visitação Pública do Parque Estadual Fritz Plaumann;

Parque vence prêmio Fritz Müller na categoria "Áreas de Preservação" com o case "Parque Estadual Fritz Plaumann, implantação, incubação da gestão e operação".

2009

Implementação do Plano de Manejo Fase I;

2º Aniversário de Visitação Pública do Parque Estadual Fritz Plaumann.

2010

Implementação do Plano de Manejo Fase I;

3º Aniversário de Visitação Pública do Parque Estadual Fritz Plaumann;

Classificado em primeiro lugar na Categoria "Sustentabilidade Ambiental em Município" no Prêmio Roteiros do Brasil, promovido pelo Ministério do Turismo;

Apontado como produto ícone do Turismo da Região do Vale do Contestado (Plano Turístico elaborado pela Chias Marketing, para o estado de Santa Catarina);

6º Prêmio Brasil Ambiental na Categoria Florestas com o projeto "Implantação, Incubação da Gestão e Operação do Parque Estadual Fritz Plaumann", promovido pela AMCHAM - Câmara de Comércio Americana.

1990

Elaboração de estudos para aproveitamento de áreas indenizadas pela Usina de Itá e para levantamento e mapeamento de florestas para implantação de Unidades de Conservação como medida de compensação ambiental pelos impactos.

1994

Definição de Estação Ecológica que seria composta por duas áreas, uma em Santa Catarina e outra no Rio Grande do Sul.

1996

Redefinição da categoria de manejo para Parque Municipal (Parque Natural Municipal Teixeira Soares) no Rio Grande do Sul e mantida em Estação Ecológica (estadual) em Santa Catarina (nomeada “Estação Ecológica Barra do Queimados”).

2005

Elaboração e início da execução dos Planos de Implantação, Incubação da Gestão e Operação do Parque para colocar a UC em funcionamento.

2006

Criação, estruturação e capacitação do Conselho Consultivo do Parque;
Criação da Associação dos Vizinhos do Parque (AVIPE).

2007

Criação da Equipe Cogestora do Parque Estadual Fritz Plaumann (ECOPEF);
Assinatura do Termo de Cooperação Técnica entre ECOPEF e FATMA
Inauguração do Parque Estadual Fritz Plaumann para visitação pública.

2011

Implementação do Plano de Manejo Fase I;
4º Aniversário de Visitação Pública do Parque Estadual Fritz Plaumann;
Aprovação do projeto de “Revisão do Plano de Manejo do Parque Estadual Fritz Plaumann e fortalecimento dos seus mecanismos de gestão”.

2012

5º Aniversário de Visitação Pública do Parque Estadual Fritz Plaumann;
Início dos trabalhos de “Revisão do Plano de Manejo do Parque Estadual Fritz Plaumann e fortalecimento dos seus mecanismos de gestão”.

2013

6º Aniversário de Visitação Pública do Parque Estadual Fritz Plaumann;
Consolidação do Plano de Manejo Fase II do Parque Estadual Fritz Plaumann.

CONHECENDO UM POUCO DA FLORESTA DO RIO URUGUAI

A FLORESTA DO RIO URUGUAI E AS OUTRAS
FORMAÇÕES FLORESTAIS DE SANTA CATARINA.

Santa Catarina é 100% coberta pelo bioma Mata Atlântica, onde estão distribuídas três principais formações de floresta:

FLORESTA OMBRÓFILA DENSA



Floresta Ombrófila Densa - **José Coelho de Araujo Filho**

FLORESTA OMBRÓFILA MISTA (FLORESTA DE ARAUCÁRIAS)



Floresta Ombrófila Mista - **Mateo Troncoso**

FLORESTA ESTACIONAL DECIDUAL (FLORESTA DO RIO URUGUAI)



Floresta Estacional Decidual - **Ecopef**

A Floresta do Rio Uruguai se diferencia das outras pela grande perda de folhas que parte das árvores mais altas sofrem no outono e inverno, devido ao clima mais frio e seco, por isso seu nome “estacional decidual”. A aparência do seu dossel é também bastante característica, bem irregular, com grandes árvores mostrando suas copadas acima das demais (as chamadas espécies emergentes). Em Santa Catarina, essa formação ocorre ao longo dos vales da porção superior da bacia do rio Uruguai, acompanhando os rios principais e demais afluentes até 600 m de altitude, quando entra em contato com as Florestas de Araucárias. Segundo o botânico Roberto Miguel Klein (1972), são conhecidas aproximadamente 178 espécies arbóreas na Floresta Estacional Decidual em Santa Catarina, sendo 91 arvoretas (4 a 15 m), 53 árvores (16 a 29 m) e 34 árvores altas (30 a 40 m).

Santa Catarina. Essa situação é resultado do histórico de ocupação do oeste catarinense, marcado por dois episódios principais: a exploração das árvores de grande porte e valor e a conversão das florestas em atividades agrícolas. Sobraram poucos núcleos florestais primários ou originais e a paisagem é dominada pelo uso agrícola do solo, com pastagens, lavouras e reflorestamentos com exóticas, enquanto as florestas fragmentadas e reduzidas formam manchas, ora mais conectadas ora completamente isoladas. As unidades de conservação e terras indígenas da região (veja o mapa), portanto, assumem grande importância no estabelecimento de corredores ecológicos e outras estratégias de planejamento da paisagem, com foco no aumento do fluxo de espécies animais e vegetais que acabam contribuindo para a recuperação e conservação da Floresta Estacional Decidual.

FRAGMENTOS DE UM PASSADO DE EXPLORAÇÃO E COLONIZAÇÃO

A Floresta Estacional Decidual abrange uma área de quase doze mil quilômetros quadrados, que representa pouco mais de 4% da cobertura florestal de

DISTRIBUIÇÃO REGIONAL DE ÁREAS PROTEGIDAS E SEUS POTENCIAIS DE CONEXÃO

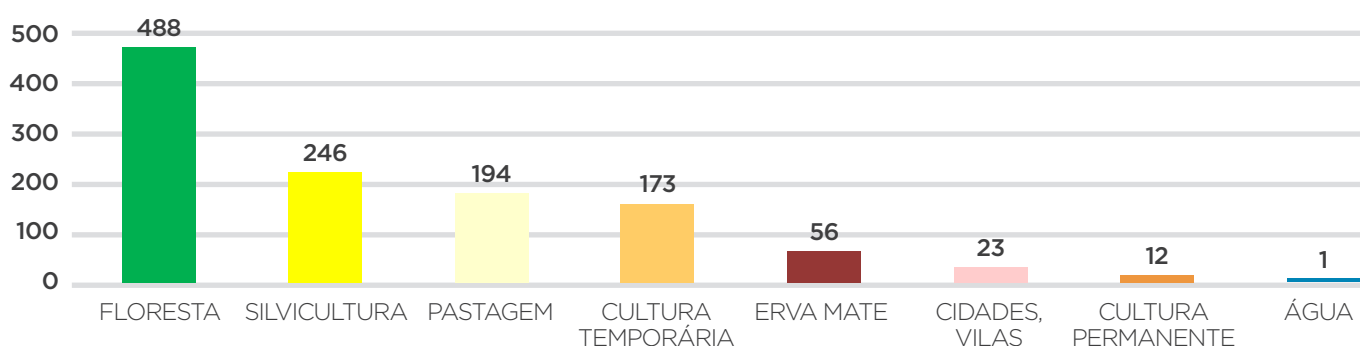


AS FLORESTAS E A AGRICULTURA NO ENTORNO DO PARQUE

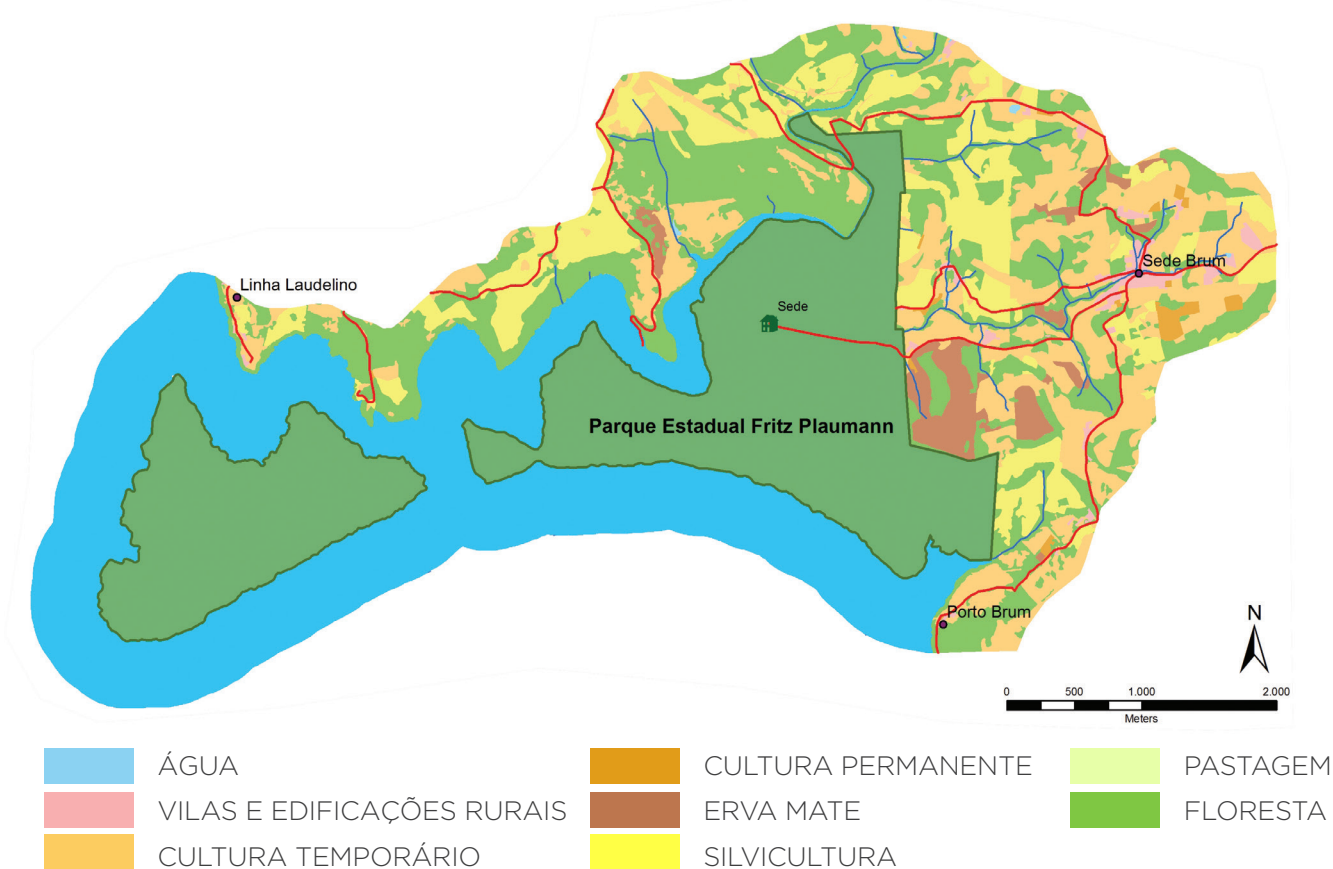
Hoje em dia, apesar do histórico de exploração e colonização, as florestas ainda ocupam a maior parte das terras no entorno do Parque, seguidas pelos cultivos de eucalipto e pinus (ver gráfico). Ainda assim, as terras dessa região são muito marcadas pela grande diversidade de usos agrícolas (ver mapa), formando uma paisagem que é um verdadeiro mosaico. Entre 2000 e 2012, se cons-

tatou que os cultivos de eucalipto e de erva mate foram os tipos de uso e cobertura das terras que mais cresceram no entorno do Parque. Apesar da extensão de área ocupada por florestas, infelizmente, elas são, em sua maioria, formações secundárias mais pobres de espécies, e estão fragmentadas em 126 núcleos, sendo 94 deles com menos de 1 hectare. Desta forma, ficam mais sujeitas aos impactos das atividades agrícolas e têm menor qualidade como refúgio para a fauna nativa.

DISTRIBUIÇÃO DOS TIPOS DE USO DA TERRA NO ENTORNO



MOSAICO DE DIFERENTES USOS E COBERTURAS DO SOLO NO ENTORNO



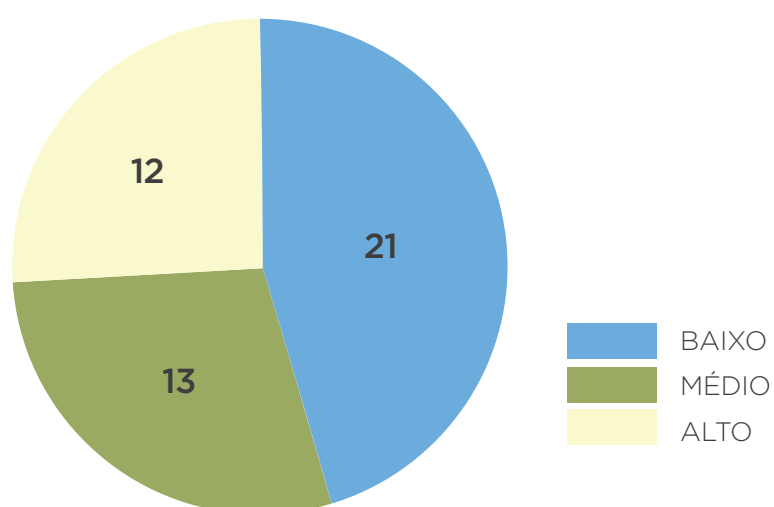
O PROBLEMA DAS ESPÉCIES EXÓTICAS INVASORAS

Outro problema gerado pelo histórico de uso agrícola que afeta diretamente as florestas da região é a grande quantidade e diversidade de espécies exóticas invasoras. Elas são assim chamadas porque são originárias de outros locais e têm um comportamento bastante agressivo, disputando espaço e competindo diretamente com as espécies nativas. Somente no Parque, foram identificadas 46 espécies exóticas invasoras, classificadas em 3 níveis de risco de contaminação (que representam sua agressividade ao ambiente – veja o gráfico), sendo 12 espécies de alto risco, entre as quais se destaca a uva-do-Japão (*Hovenia dulcis*) e a goiabeira (*Psidium guajava*). Para se ter ideia do problema, estudos apontam a contaminação por exóticas invasoras como a segunda causa de extinção de espécies no mundo.



Uva-do-Japão *Hovenia dulcis* invadindo as florestas do Parque - **Rafael Garziera**

NÚMERO DE ESPÉCIES EXÓTICAS INVASORAS DO PARQUE POR RISCO DE CONTAMINAÇÃO





A IMPORTÂNCIA DO PARQUE HOJE

Para elaboração do Plano de Manejo Fase II, vários estudos e levantamentos de diferentes temas foram desenvolvidos, permitindo não só atualizar o conhecimento sobre o Parque e a região, como também consolidar ainda mais a importância do papel dessa Unidade de Conservação.

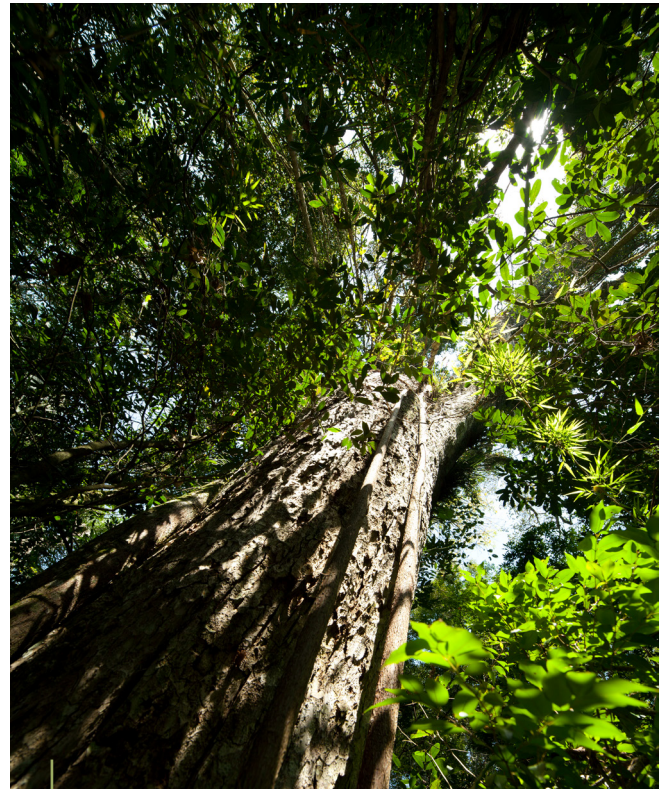
PROTEÇÃO DA BIODIVERSIDADE

O Parque continua sendo a única Unidade catariense criada para proteger exclusivamente amostras da Floresta do Rio Uruguai, uma das formações florestais mais ameaçadas do bioma Mata Atlântica.

Apesar de seu tamanho ser considerado pequeno comparando-se a outras unidades de conservação e também à própria área original de abrangência da Floresta do Rio Uruguai, os mapeamentos demonstraram uma surpreendente regeneração das florestas do Parque. Prova disso foi o aumento de área das florestas em estágio médio e avançado, ocupando hoje mais de 53% da Unidade. Ainda mais importante foi a descoberta e o mapeamento de um núcleo florestal primário, bastante raro na região, com características bem preservadas.

Como era de se esperar, o Parque possui relevante papel na proteção de plantas típicas dessa formação. Só de espécies arbóreas (com diâmetro maior que 10 cm) conhecidas da Floresta do Rio Uruguai, aproximadamente 50% delas vivem no Parque, e muitas outras ainda poderão ser identificadas. Entre essas espécies, cinco são consideradas ameaçadas de extinção e pelo menos outras vinte podem ser consideradas raras, além de diversas outras que podem ser classificadas como de especial interesse para conservação e também com potencial medicinal.

Um ambiente preservado e em franca regeneração faz do Parque um importante refúgio para a fauna nativa. Somente nos grupos das aves, 232 espécies foram registradas, em comparação com as 120 identificadas no Plano de Manejo Fase I, o que corresponde a aproximadamente 70% das espécies esperadas para o Parque e 35% das aves conhecidas em Santa Catarina. Somadas a essa alta diversidade, 28 aves são classificadas como de alta sensibilidade ambiental, ou seja, precisam de ambientes bem preservados para sobreviver (e eles, portanto, existem dentro do Parque). Destas, cinco



Núcleo florestal primário - Mateo Trancoso



Grábia Apuleia leiocarpa, planta típica da Floresta do Rio Uruguai e ameaçada de extinção no Rio Grande do Sul - Rafael Garziera

espécies são ameaçadas de extinção no Estado (como o macuco *Tinamus solitarius*, o anu-coroca *Crotophaga major* e o pavó *Pyroderus scutatus*) e treze são consideradas raras ou de importância especial para conservação.

A lista de mamíferos registrados no Parque também aumentou (de 9 para 21 confirmados, mas a ocorrência provável é de 113). Entre os mamíferos, foram identificadas quatro espécies ameaçadas de extinção, uma delas até então sem registro conhecido na Unidade (gato-maracajá *Leopardus wiedii*).

Não diferente é a lista de anfíbios que o Parque protege, elevada e representativa da fauna regional, com 23 espécies registradas. Desta, quatro estão ameaçadas de extinção, e uma delas é considerada criticamente em perigo (*Crossodactylus schmidtii*).

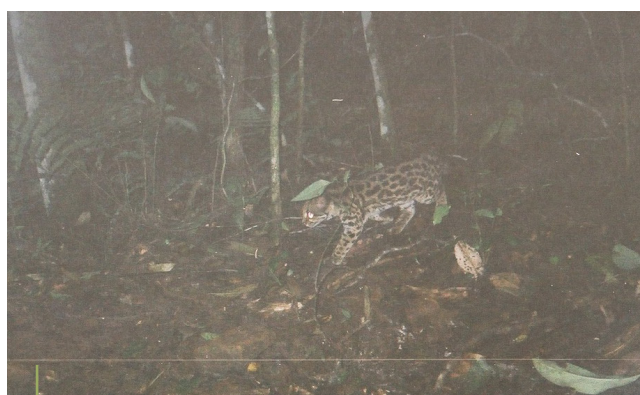
Em relação aos répteis, em função da dificuldade de registro, apenas 10 espécies foram identificadas, sendo 7 de serpentes e 3 de lagartos. No entanto, vale considerar que quatro dessas espécies são consideradas de interesse médico pelo veneno que possuem, entre elas duas espécies de jararaca (*Bothrops diporus*, *Bothrops jararaca*) e uma cobra-cipó (*Philodryas olfersii*).

PALCO DE PESQUISAS

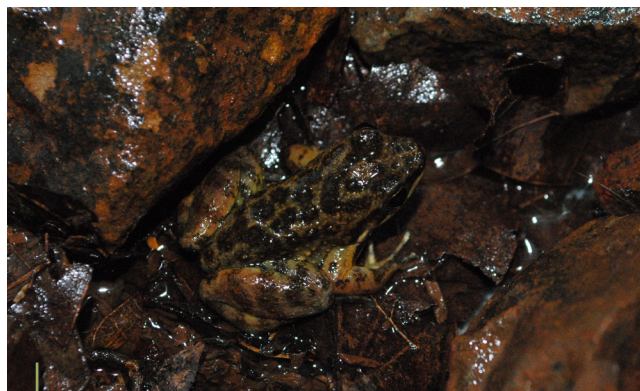
Todo o conhecimento gerado pelos novos levantamentos só foi possível considerando os diferentes trabalhos acadêmicos e científicos desenvolvidos durante toda a história do Parque. Ao longo de oito anos (2004 a 2012) houve um aumento de trabalhos em diferentes áreas do conhecimento (veja o gráfico com os trabalhos por tema). Dentre as 51 pesquisas desenvolvidas, foram realizados 29 trabalhos de conclusão de curso, 08 dissertações de mestrado e 04 teses de doutorado, entre outros. Chama a atenção também a rede de 12 entidades de ensino e pesquisa envolvidas, não só da região como de diferentes locais de Santa Catarina e também de outros estados brasileiros.



Anu-coroca *Crotophaga major*, ave típica da Floresta do Rio Uruguai e ameaçada de extinção - Ivo Ghizoni



Gato-maracajá *Leopardus wiedii*, mamífero ameaçado de extinção - Carlos Salvador

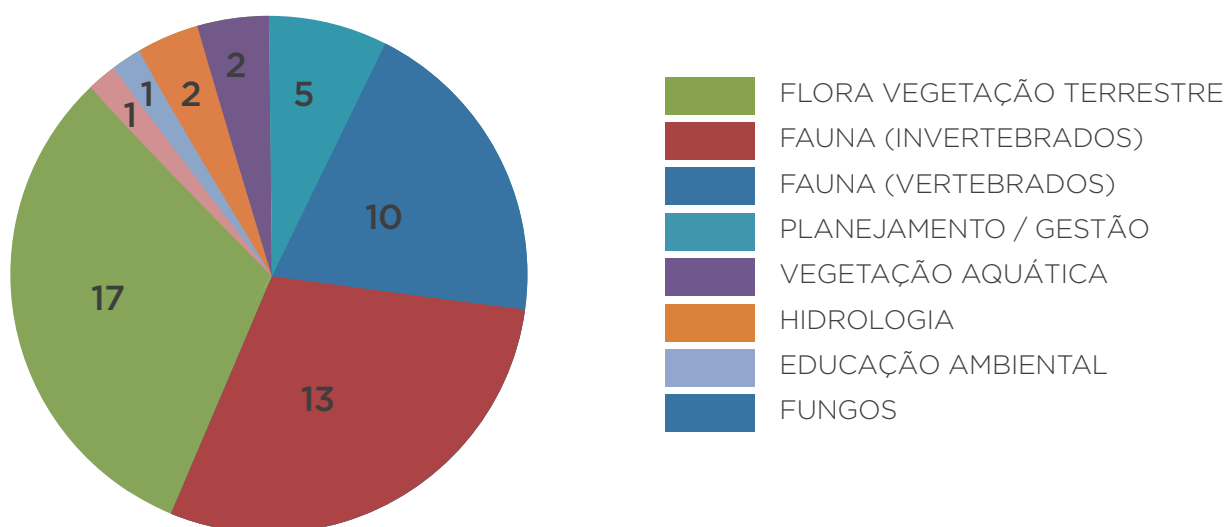


Crossodactylus schmidtii, anfíbio ameaçado de extinção - Veluma Ialú de Bastiani



Philodryas olfersii - Veluma Ialú de Bastiani

DIVERSIDADE DE TEMAS DOS TRABALHOS DE PESQUISA DESENVOLVIDOS NO PARQUE



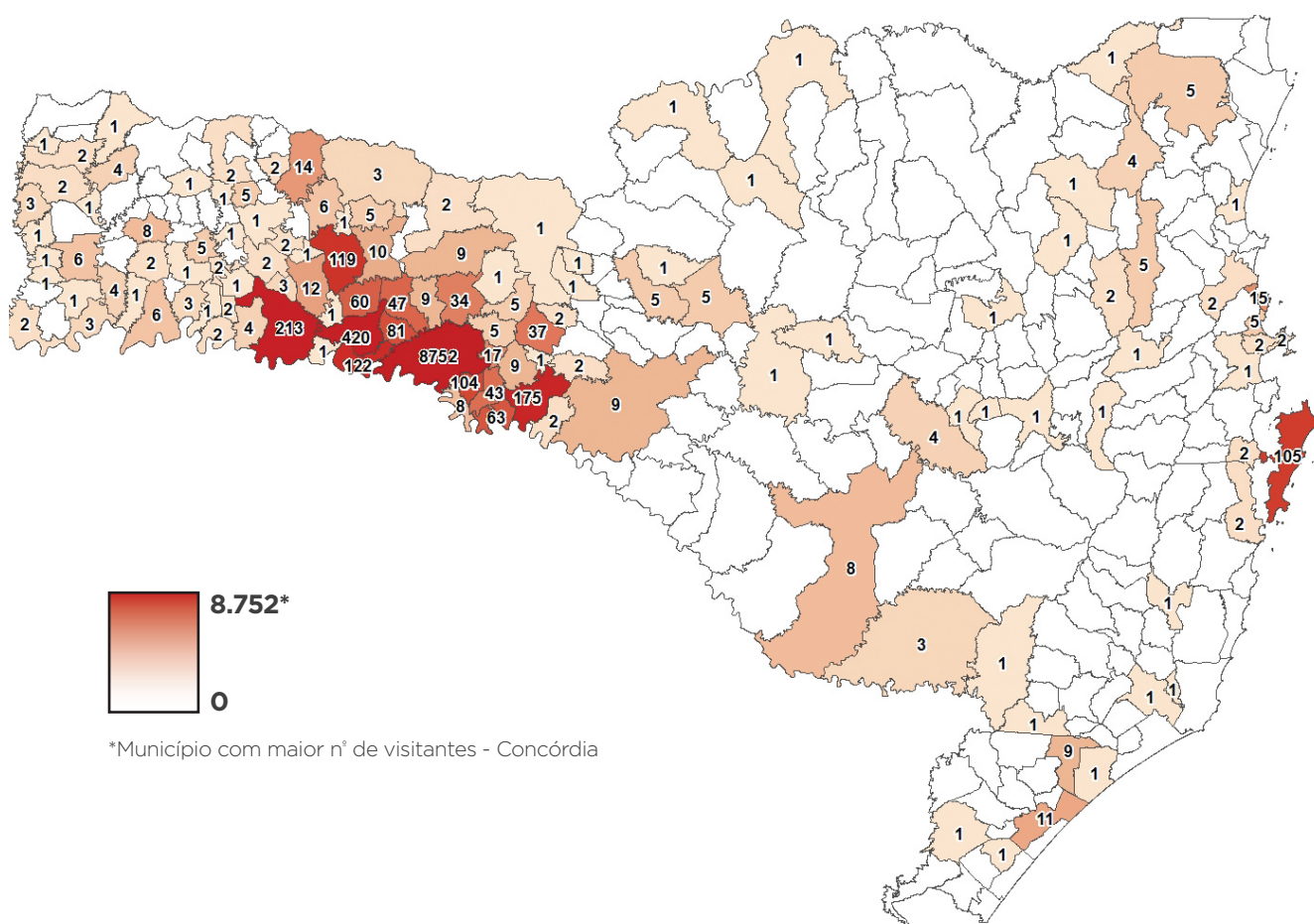
REFERÊNCIA NA VISITAÇÃO TURÍSTICA

A importância do Parque também é reflexo da experiência exemplar na recepção e condução de visitantes, envolvendo atividades de educação e interpretação ambiental e de recreação em contato com a natureza. O grande mérito desse trabalho está relacionado aos procedimentos desenvolvidos pelos colaboradores da ECOPEF, não só no acompanhamento das atividades, mas, principalmente, no monitoramento dos resultados, cujos dados renderam ao Parque grande parte das premiações citadas anteriormente (veja a “história de vida”). A avaliação feita em cima desses dados permitiu conhecer tanto a evolução anual e de alguns padrões do fluxo da visitação quanto também o perfil básico do público (veja o mapa) ao longo dos cinco anos de monitoramento (quase vinte mil pessoas). Além de servir de referência para outras unidades de conservação, esses dados ajudaram no planejamento de potenciais e estratégias para ampliar ainda mais a atração de visitantes e a diversificação dos públicos de interesse.



Atrativo turístico do Parque - **Ecopef**

MAPA DE DISTRIBUIÇÃO DE VISITANTES DE ACORDO COM SEU MUNICÍPIO DE ORIGEM EM SANTA CATARINA



DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL SUSTENTÁVEL

Sob o ponto de vista de integração com seu entorno, diversas iniciativas e projetos de desenvolvimento rural na Zona de Amortecimento envolvem e também contribuem na formação de uma rede de parceiros estratégicos com diferentes interesses e experiências. Prova disso é que o Parque Estadual Fritz Plaumann se tornou um elemento agregador da rede e ao mesmo tempo impulsionador de ações voltadas ao planejamento de uma dinâmica territorial rural mais sustentável de referência para o Alto Uruguai Catarinense. Alguns exemplos analisados durante o Plano de Manejo Fase II são o Projeto Filó e o Projeto Águas do Oeste Catarinense, ambos capitaneados por membros do Conselho Consultivo do Parque, gerando importantes frutos no desenvolvimento do seu entorno.



Propriedade do Sr. Wilmo Bassegio – potencial atrativo turístico no entorno do Parque, que deve ser alvo de projetos de desenvolvimento territorial - **Guilherme Ternes**

TRADIÇÃO EM INOVAR, GRAÇAS A UMA GESTÃO PARTICIPATIVA E EFICIENTE

O pioneirismo do Parque também é respaldado pela própria revisão do Plano de Manejo, a primeira entre as unidades de conservação catarinenses. Além desse processo de revisão, a elevada efetividade dos objetivos de conservação ganha destaque, além dos resultados alcançados e ações desenvolvidas, conforme avaliação do grau de implementação do Plano de Manejo Fase I. Isto é claramente uma consequência direta do Termo de Cooperação Técnica estabelecido entre a FATMA e ECOPEF para a abertura do Parque à visitação,

que também é um caso pioneiro e de sucesso na gestão ambiental do Estado. Plantada esta semente, desenvolveu-se um histórico exemplar de gestão participativa, marcada pelo envolvimento efetivo das instâncias de gestão e cooperação do Parque (FATMA, Conselho Consultivo – criado e atuante desde outubro de 2006 – e ECOPEF, responsável pela administração e implementação das atividades de uso público da UC desde novembro de 2007). Resulta também deste histórico uma rede de parceiros com quantidade e diversidade expressiva de pessoas e entidades, com diferentes interesses, porém sempre alinhados aos objetivos de conservação do Parque, por isso a relevância do Plano de Manejo Fase II.



Parceiros do Parque que trabalharam no Plano de Manejo Fase II - **Caipora**

PLANEJANDO O FUTURO SEM ESQUECER O PASSADO



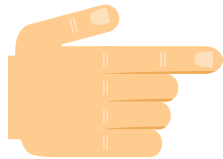
Em função das experiências vividas e desenvolvidas ao longo da história do Parque e dos novos conhecimentos gerados pelos levantamentos e estudos, é chegado o momento de traçar um novo planejamento para o Parque Estadual Fritz Plaumann. A qualidade do planejamento é fruto de um esforço técnico e participativo, em que a contribuição de diferentes entidades e das comunidades rurais do entorno foi peça chave, assim como também será o comprometimento destas para colocar em prática tudo que foi planejado neste novo ciclo de funcionamento do Parque.

MISSÃO E VISÃO

A Missão é o propósito de existência do Parque. Já a sua Visão representa “aonde se quer chegar” com o funcionamento da Unidade. Os dois enunciados abaixo foram construídos em conjunto pelas equipes da CAIPORA, ECOPEF e Conselho Consultivo do Parque.



Oficina participativa de construção da Missão e Visão do Parque - **Caipora**



MISSÃO

Conservar e restaurar importantes atributos de biodiversidade da Floresta do Rio Uruguai, na condição de porção representativa do contexto histórico e atual do território oeste catarinense e do ameaçado bioma Mata Atlântica, por meio da geração e socialização de conhecimentos e experiências.

VISÃO

Consolidar-se até 2018 como Unidade de Conservação nacionalmente reconhecida pela gestão participativa, pelas relações positivas estabelecidas com seu entorno, pelo fortalecimento de uma rede institucional de colaboradores e pelas ações de educação ambiental desenvolvidas em prol da conservação e restauração da Floresta do Rio Uruguai.





OBJETIVOS

O objetivo geral da Unidade é contribuir para a conservação, valorização e regeneração da Floresta do Rio Uruguai que existe no Parque e em seu entorno, contando com o envolvimento da sociedade em ações de proteção, educação e interpretação ambiental, pesquisa científica, ecoturismo, esportes de aventura, recreação em contato com a natureza e de desenvolvimento rural sustentável. Para tanto, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

Garantir recursos humanos, materiais e financeiros e o contínuo envolvimento e cooperação com diferentes segmentos da sociedade.

Conservar amostras da Floresta do Rio Uruguai, formação florestal altamente ameaçada do Bioma Mata Atlântica.

Promover a proteção e a manutenção do patrimônio natural e material do Parque.

Melhorar a paisagem florestal do Alto Uruguai, adotando o Parque, as áreas protegidas próximas e outras florestas dos reservatórios e tributários da bacia como elementos principais.

Contribuir no monitoramento, proteção e melhoria da qualidade dos cursos d'água da Bacia do Queimados e, em especial, da microbacia do Lajeado Cruzeiro.

Preservar e valorizar espécies da fauna e da flora ameaçadas de extinção, raras e endêmicas e outras de especial interesse para conservação.

Promover e acompanhar a regeneração das florestas secundárias da Unidade e de seu entorno, por meio da geração e difusão de conhecimentos.

Estimular o desenvolvimento de trabalhos técnicos e científicos para geração e valorização de conhecimentos associados ao legado do naturalista Fritz Plaumann.

Potencializar o papel do Parque como um importante banco genético da Floresta do Rio Uruguai na região sul do Brasil.

Promover, dentro e fora da UC, programas e ações de educação e interpretação ambiental, ecoturismo, esportes de aventura e recreação em contato com a natureza, valorizando a biodiversidade do Parque e os aspectos históricos e culturais do Alto Uruguai Catarinense.

Incentivar a pesquisa científica e o monitoramento ambiental de acordo com as prioridades de conservação e manejo da biodiversidade do Parque e demais florestas do Alto Uruguai.

Estimular o desenvolvimento sustentável no entorno do Parque, em especial na Zona de Amortecimento, de forma associada à conservação e valorização da Unidade e da Floresta do Rio Uruguai.

ZONEAMENTO

O Zoneamento é uma ferramenta dentro do Plano de Manejo que segmenta o Parque em zonas com diferentes finalidades, em função de fragilidades e potenciais do território.

NOVO ZONEAMENTO DO PARQUE

Zona de Uso Especial

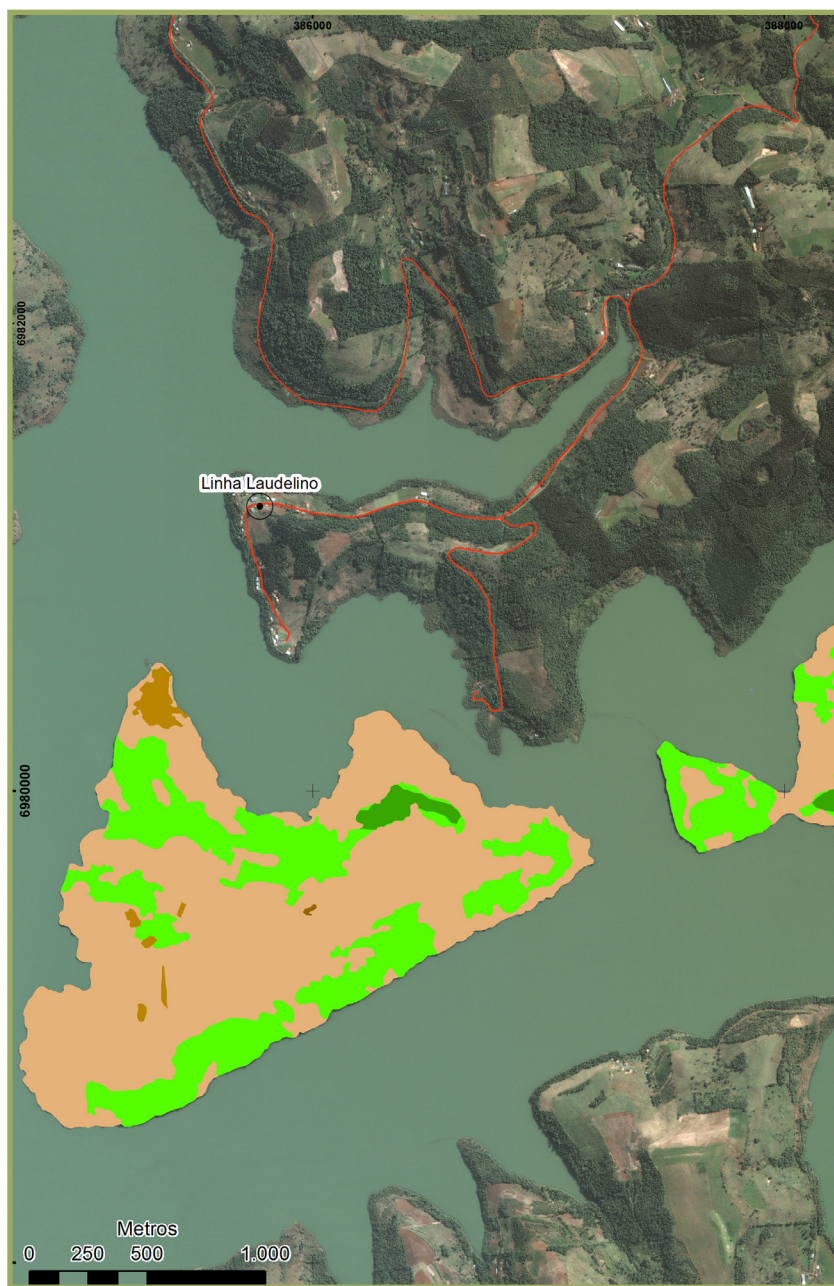
Áreas necessárias à administração, manutenção e serviços da Unidade, objetivando implantar estruturas sem causar danos ao ambiente;

Zona de Uso Extensivo

Trata-se de uma transição entre a Zona Primitiva e a Zona de Uso Intensivo, cujo objetivo é manter um ambiente natural com mínimo impacto, mas também oferecer acesso ao público com facilidade, para fins educativos e recreativos.

Zonas de Recuperação (1, 2, 3 e 4)

Áreas consideravelmente alteradas pelo homem, de caráter provisório (uma vez restauradas são incorporadas em outra zona). Foram diferenciadas em função do estágio de regeneração da vegetação e/ou do grau de degradação do solo. Elas requerem distintas técnicas e estratégias de recuperação ambiental.



Zona Primitiva

Áreas com poucos sinais de perturbações do homem; contêm espécies da flora e da fauna ou fenômenos naturais relevantes, cujo objetivo é preservar o ambiente natural e ao mesmo tempo facilitar as atividades de pesquisa e educação ambiental, permitindo formas primitivas de recreação.

Zona Semiprimitiva

Áreas que sofreram poucas perturbações; também contêm espécies da flora e da fauna ou fenômenos naturais expressivos, mas são nomeadas de semiprimitivas por serem áreas de floresta em estágio médio e avançado de regeneração com alta concentração de espécies exóticas invasoras.

Zona de Uso Conflitante

Áreas cujos usos conflitantes foram estabelecidos antes da criação do Parque; visa definir procedimentos para reduzir os impactos e solucionar os conflitos ao longo do tempo;

Zona de Uso Intensivo Consolidado

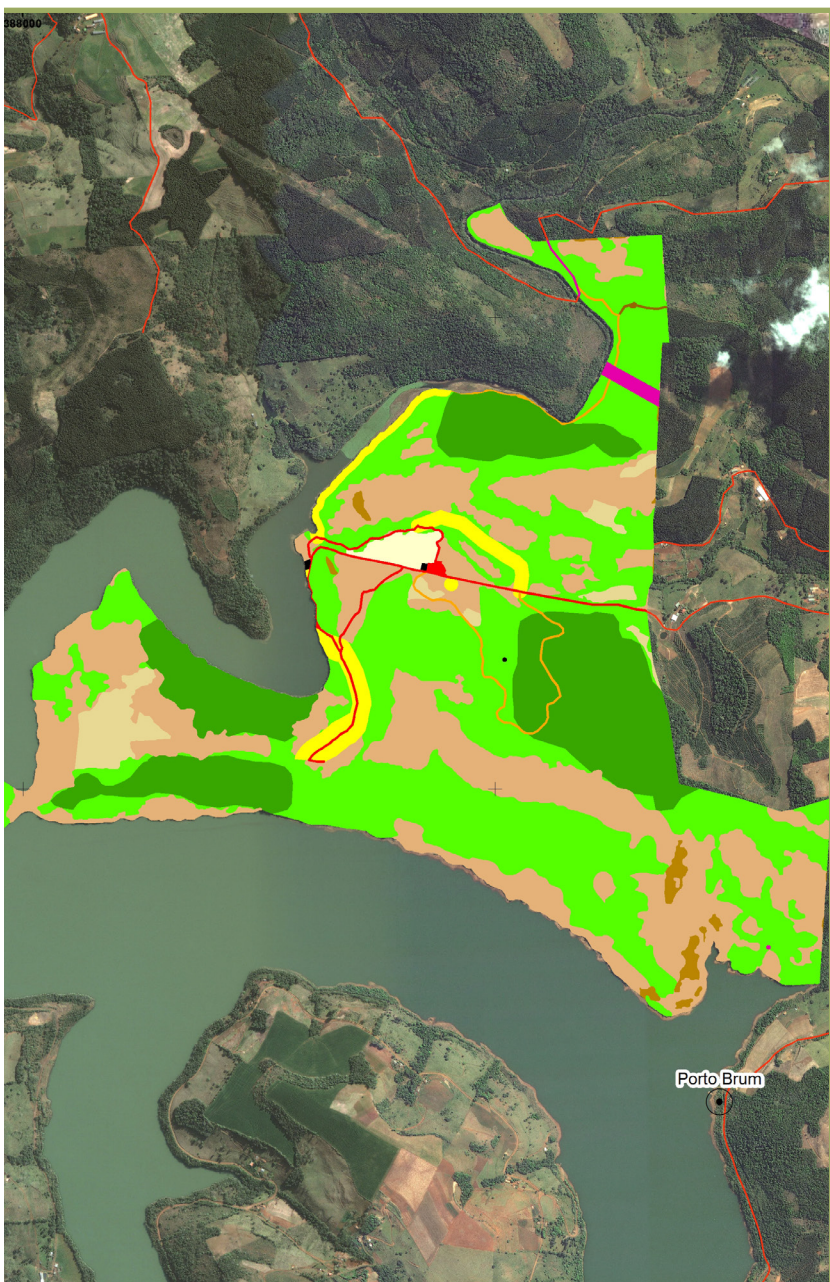
Áreas onde já estão instalados e em funcionamento infraestruturas, equipamentos de visitação, como o Centro de Visitantes e as trilhas interpretativas, tendo por objetivo facilitar a recreação intensiva e a educação ambiental em harmonia com o ambiente.

Zona de Uso Intensivo Potencial

Também objetivam facilitar a recreação intensiva e educação ambiental em harmonia com o meio ambiente, comportando, no entanto, infraestruturas e equipamentos a serem futuramente implantados, cujos cuidados com as obras devem ser redobrados.

Zona de Uso e Recuperação

Inovação proposta no Plano de Manejo Fase II; são áreas com as mesmas características da Zona de Recuperação, mas que permitem o uso intensivo de acordo com futuro projeto executivo, previsto para a atividade de caminhada esportiva, em paralelo à sua recuperação.



ZONA DE AMORTECIMENTO

A Zona de Amortecimento é definida como o entorno da unidade de conservação, onde as atividades estão sujeitas a normas específicas para evitar ou diminuir impactos e pressões sobre a biodiversidade. No caso do Parque, ela é pensada principalmente como um território de integração,

na qual devem ser apoiadas e incentivadas iniciativas e projetos para um desenvolvimento rural mais sustentável, diminuindo os impactos e pressões a partir da melhoria da qualidade de vida dos agricultores e moradores.



NOVO TRAÇADO DA ZONA DE AMORTECIMENTO, COM SEUS CRITÉRIOS DE DELIMITAÇÃO



- AZIMUTE
- CUMEADA
- ESTRADA
- FRAGMENTOS
- MARGEM DO LAGO 50M
- PROPRIEDADES
- RIOS

ÁREAS ESTRATÉGICAS

Áreas Estratégicas são porções do Parque com algum potencial ou alguma fragilidade que necessite de ações específicas, tendo em vista os objetivos de conservação da UC. O Plano de Manejo Fase II definiu 15 Áreas Estratégicas, tanto em operação quanto para futura implementação, todas elas dentro dos limites do Parque, mas com diferentes resultados esperados.

ÁREAS ESTRATÉGICAS JÁ EXISTENTES:

01. CENTRO DE VISITANTES: o resultado esperado é o edifício reformado, com nova sala de exposições, lojinha de souvenirs e auditório de eventos.

02. TRILHA DO LAJEADO CRUZEIRO: espera-se que o piso e as estruturas tenham boas condições de uso, com novos pontos de monitoramento e técnicas de manutenção estabelecidos e adotados pelos funcionários e colaboradores.

03. TRILHA DAS MARREQUINHAS: como resultado, estruturas de madeira devem estar em boas condições de uso, com novos pontos de monitoramento estabelecidos e adotados pelos funcionários e colaboradores.

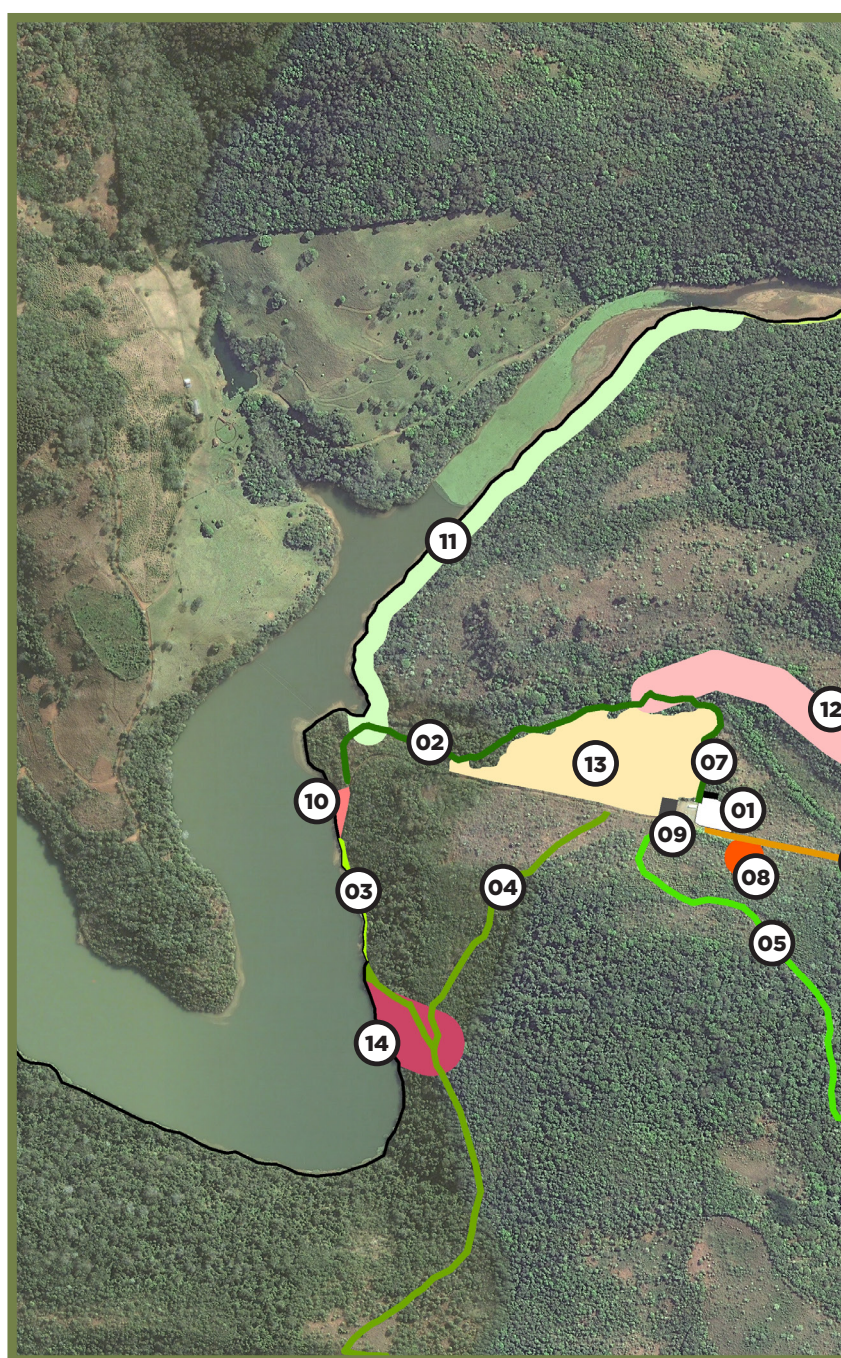
04. TRILHA DO MIRANTE: um novo traçado deve ser definido, e suas estruturas devem estar em boas condições de uso, com novos pontos de monitoramento e técnicas de manutenção estabelecidos e adotados pelos funcionários e colaboradores.

05. TRILHA DA CANAFÍSTULA: também espera-se que piso e estruturas estejam em boas condições de uso, com novos pontos de monitoramento e técnicas de manutenção estabelecidos e adotados pelos funcionários e colaboradores.

06. ESTRADA DE ACESSO E PORTARIA: pretende-se melhorar as condições de tráfego e articular a mudança de local da placa do Consórcio Itá na entrada do Parque.

07. ÁREA DE LANCHE AO AR LIVRE: no local novas estruturas devem ser implantadas para diversos usos pelos visitantes, incluindo lanche, peças teatrais, teatro de fantoche, entre outros.

ÁREAS ESTRATÉGICAS DO PARQUE



ÁREAS ESTRATÉGICAS PARA OPERAÇÃO FUTURA

08. MIRANTE DO CENTRO DE VISITANTES: estrutura a ser implantada com potencial interpretativo do vale do Lajeado Cruzeiro; funcionará como atrativo opcional para auxiliar no manejo de visitantes da sala de exposições.

09. CÉLULAS DE ADMINISTRAÇÃO, ALOJAMENTO E CONHECIMENTO: 3 edificações novas a serem implantadas de forma integrada, criando condições adequadas para (i) trabalho de funcio-

nários e colaboradores do Parque, sem conflito de uso com outros espaços de visitação pública (Célula Administrativa); (ii) para hospedagem, alimentação e trabalho para pesquisadores e técnicos interessados do Parque, sem conflito de uso com espaços administrativos e de visitação (Célula de Alojamento); e (iii) para arquivamento, consulta e estudo para funcionários, colaboradores, pesquisadores, técnicos e visitantes em geral (Célula de Conhecimento).

10. COMPLEXO NÁUTICO: um trapiche a ser licenciado e implantado para dar condições adequadas de embarque e desembarque de visitantes, funcionários e colaboradores e uma garagem que possibilite armazenamento adequado das embarcações do Parque e seus parceiros.

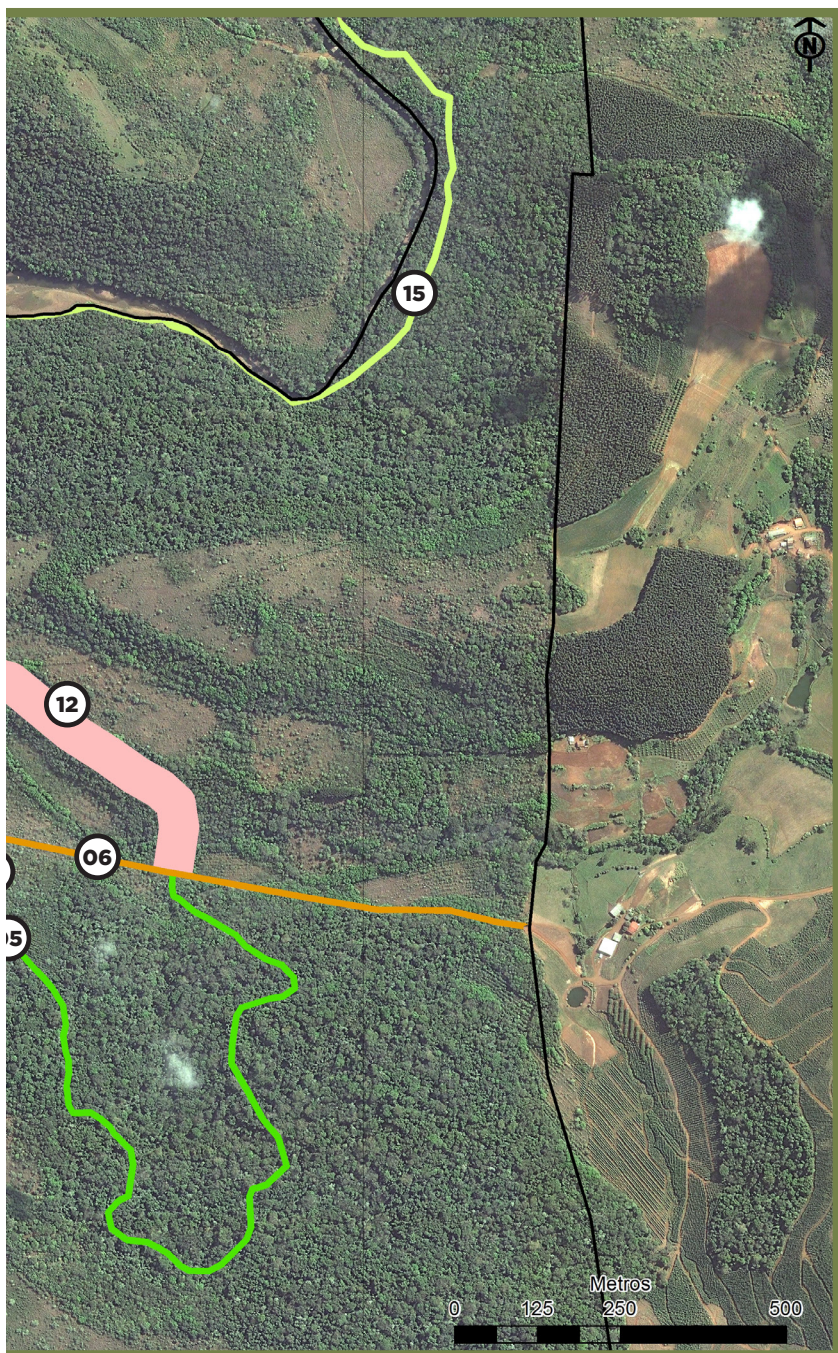
11. TRILHA DAS MARREQUINHAS II: espera-se a diversificação das opções de recreação e interpretação ambiental do Parque, com nova trilha em palafita a ser implantada para explorar o ambiente da foz do rio dos Queimados.

12. CIRCUITO DE ARVORISMO: circuito a ser implantado de forma integrada à Trilha do Lajeado Cruzeiro, permitindo a diversificação das opções de recreação e do perfil de visitantes do Parque, conciliando aventura e interpretação dos estratos florestais do Parque.

13. CAMINHADA ESPORTIVA: pista de caminhada esportiva em contato com a natureza, a ser implantada para um perfil mais esportista de visitante, diversificando as opções de recreação na Unidade.

14. TIROLESA: circuito a ser implantada sobre o rio dos Queimados, de forma integrada à Trilha do Mirante, com diversificação das opções de recreação e do perfil de visitantes do Parque, conciliando aventura e apreciação das paisagens naturais.

15. TRILHA DA PONTA NORTE: trilha a ser implantada conciliando uma nova opção de caminhada extensiva e interpretação ambiental (dos sarindzaís do rio dos Queimados) com o monitoramento de invasões e crimes ambientais sobre o Parque.



PROGRAMAS DE MANEJO

Foram definidos 05 Programas e 12 Subprogramas para organização por tema das ações gerenciais do Plano de Manejo Fase II. Existem ações pontuais e contínuas previstas para os próximos cinco anos, representando o volume principal de orientações para este novo ciclo de funcionamento do Parque.

PROGRAMAS E SUBPROGRAMAS COM AS AÇÕES GERENCIAIS DO PLANO DE MANEJO FASE II

OPERACIONALIZAÇÃO	CONHECIMENTO	MANEJO
<ul style="list-style-type: none">• Administração• Infraestrutura e equipamentos• Relações públicas e institucionais	<ul style="list-style-type: none">• Gestão do conhecimento• Pesquisa	<ul style="list-style-type: none">• Proteção• Manejo dos recursos
USO PÚBLICO	INTEGRAÇÃO COM O ENTORNO	
<ul style="list-style-type: none">• Recreação• Educação ambiental• Eventos	<ul style="list-style-type: none">• Desenvolvimento territorial integrado• Envolvimento comunitário	

As ações descritas em cada subprograma se basearam em prioridades definidas de forma participativa pelas equipes da CAIPORA, FATMA, ECOPEF e Conselho Consultivo para cada um dos cinco programas de manejo do Parque.



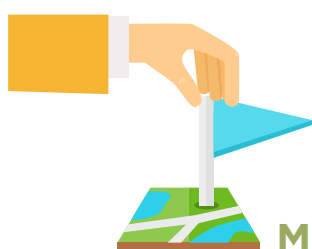
OPERACIONALIZAÇÃO

Melhorar ainda mais a gestão participativa do Parque, com foco nos resultados e indicadores do Plano de Manejo Fase II; diversificar as estratégias de sustentabilidade financeira da Unidade; promover capacitações continuamente para as instâncias de gestão; estabelecer um plano de comunicação da Unidade com diversos formatos, conteúdos e públicos; firmar parcerias com diferentes entidades para apoiar os programas do Parque.



CONHECIMENTO

Atrair e apoiar ainda mais as pesquisas sobre temas relevantes para o Parque; divulgar os resultados das pesquisas e utilizá-los para melhorar a manutenção e conservação da biodiversidade da Floresta do Rio Uruguai; ampliar e melhorar as técnicas e os temas de monitoramento para acompanhar o sucesso de funcionamento do Parque.



MANEJO

Controlar e diminuir as pressões e ameaças à fauna do Parque, especialmente as atividades de caça, invasão por animais domésticos e poluição dos cursos d'água; intensificar ainda mais a recuperação florestal do Parque, principalmente pelo combate às espécies exóticas invasoras e pelo enriquecimento dos solos e de espécies vegetais nativas.



USO PÚBLICO

Diversificar os atrativos turísticos e também os perfis de visitantes no Parque; atualizar os equipamentos e conteúdos frente aos novos conhecimentos gerados na Unidade; ampliar as atividades educacionais para atender aos novos perfis de visitantes e atrair ainda mais estudantes e escolas da região.



INTEGRAÇÃO COM O ENTORNO

Articular benefícios para propriedades rurais e atividades produtivas em troca de compromissos ambientais; criar projetos piloto construídos em conjunto com agricultores interessados; fortalecer o envolvimento das comunidades do entorno com o Parque, principalmente em relação às associações já existentes.







Execução:



Financiado por:



Parceiros:



Apoio:

